

# Pequenas memórias em grandes camadas

GUSTAVO VICENTE

Título: Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas. Concepção, pesquisa, texto, direcção e interpretação: Joana Craveiro. Colaboração criativa e assistência: Rosinda Costa e Tânia Guerreiro. Figurinos: Ainhoa Vidal. Desenho de luz: João Cachulo. Produção: Cláudia Teixeira. Excertos vídeo de murais: João Pinto. Produção: Teatro do Vestido/Negócio ZDB. Local e data de estreia: Negócio ZDB, Novembro de 2014.

Esta é uma perspectiva inevitavelmente, e assumidamente, implicada. De alguém que tem colaborado com o Teatro do Vestido em várias produções nos últimos três anos, e que tem acompanhado de forma cúmplice todo o trabalho da companhia durante esse tempo, em particular o de Joana Craveiro – mentora e encenadora guiada por um espírito de missão artística que tem na convocação da memória, e na luta contra o esquecimento, a sua grande motivação ética. É este o espírito que tem orientado a produção artística do grupo e que o tem distinguido a partir de duas linhas fundamentais: por um lado, o evidente trabalho de recolha histórica, assente quase sempre no levantamento de testemunhos orais – incluindo dos próprios actores – e que se traduz na manifestação de um certo pulsar cultural e, acima de tudo, afectivo, do(s) nosso(s) tempo(s); por outro, a forma como essa pesquisa é desenvolvida e apurada no processo de encenação propriamente dito, no qual os actores orientam o seu trabalho para o reforço da sua presença pessoal e da experiência ao vivo que partilham com os espectadores, onde a proximidade e contacto directo com o público, o trabalho meticuloso sobre o espaço e, nalguns casos, com as comunidades locais são factores essenciais de construção estética. É esta conjugação indissociável entre o interesse pelo mundo e o interesse pelo indivíduo, entre a possibilidade de reflectir sobre o mundo por fora através da experiência do mundo por dentro, que me tem prendido como espectador e que, a tempos (e a espaços), me tem desafiado de forma marcante enquanto artista.

E é também sobre esta predisposição afectiva (e afectada) que parto para a reflexão sobre *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas*, um espectáculo em cuja criação não tive qualquer



UM MUSEU VIVO DE MEMÓRIAS PEQUENAS E ESQUECIDAS, DE JOANA CRAVEIRO, TEATRO DO VESTIDO, 2014 (JOANA CRAVEIRO), [F] JOÃO TUNA

participação directa e que veio confirmar, e expandir, aquilo que de mais importante o Teatro do Vestido tem traçado no seu já longo caminho.

Preparado para o esforço de uma maratona performativa (a folha de sala anunciava quatro horas e trinta minutos de duração), raramente um espectáculo me pareceu tão curto. Não porque tenha sido levado por algum encantamento passageiro (teria sido possível e há espectáculos que são realmente bons enquanto duram), mas exactamente porque me fez reconhecer uma urgência que, sendo parte integrante de mim, aponta, ao mesmo tempo, para além de mim, ecoando por um sem-número de futuros possíveis.

*Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas* é um espectáculo sem fim à vista, que deixa entreaberto um caminho que só nós (espectadores, entenda-se) podemos prosseguir: na luta contra o esquecimento da nossa história recente; na recusa em sucumbir ao silêncio e ao revisionismo interesseiro; na procura de novas vozes (todas as vozes possíveis!) que contribuíram e compuseram, no seu anonimato activo, o gesto colectivo da revolução do 25 de Abril; na obrigação em revisitarmos um passado de sofrimento e libertação,



UM MUSEU VIVO DE MEMÓRIAS PEQUENAS E ESQUECIDAS, DE JOANA CRAVEIRO, TEATRO DO VESTIDO, 2014 (JOANA CRAVEIRO), [F] JOÃO TUNA

para melhor podermos reconhecer o presente e o futuro que ansiamos; e nessa sequência, na atenção que se deve dar ao Outro e aos vários tempos interiores que acompanham o nosso tempo. E sob tudo isto, aquela sensação irresistível de que dificilmente todo este clamor interno pudesse ter sido espoletado por qualquer outro espectáculo, por qualquer outra presença e voz, que não a de Joana Craveiro.

À medida que o espectáculo decorre, é notório, e retumbante, o trabalho exaustivo de pesquisa que o comporta. Pesquisa essa baseada, essencialmente, na chamada pequena memória – a tal que anda evadida dos livros de História –, que nos permite reconstituir as acções menos visíveis, as pequenas manifestações de força e os sentimentos particulares que faziam parte da vida dos Portugueses. Alternando entre um tom mais expositivo e o mais performático, entre a reflexão mais académica e a poética, entre o manuseio dos objectos pessoais dos envolvidos e o seu próprio espólio, e misturando os relatos de vida e memórias dos entrevistados com as suas, Joana Craveiro faz-nos participar com estrondo na compreensão dos tempos que se viveram entre o fascismo, a Revolução dos Cravos e o PREC. E o eco irreprimível que nela tudo isto tem – como quando se comove a cantar «Livre»,

de Manuel Freire, como quando denuncia as suas próprias contradições, como quando evoca as suas próprias ingenuidades e angústias –, parece traçar uma possível geografia do que significa ser português. E do quão arredados podemos andar da nossa memória colectiva e, conseqüentemente, de nós próprios.

É muito recompensador poder ver um espectáculo que resulta de um processo evidente de pesquisa e maturação estética, sem os quais dificilmente poderia atingir patamares de tão grande rigor e delicadeza. E ainda mais refrescante tendo em conta aquilo que é o paradigma vigente de produção artística dos dias de hoje, sujeito a uma pressão cada vez maior – por várias razões, que convergem para o grande problema da falta de meios –, obrigando os artistas a produzirem depressa e de modo desenrascado. Mas este espectáculo é fruto de um investimento mais prolongado, uma vez que resulta da investigação de doutoramento de Joana Craveiro, prosseguida na linha académica conhecida por «Prática como Investigação» – que culmina na apresentação de um objecto artístico, e não de uma dissertação escrita em defesa de uma tese, como é comum nas investigações convencionais. O objecto final dessa investigação é, precisamente, este *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas*, mas isso não interessaria nada para este texto, não fosse a ressonância epistemológica que contamina indelevelmente o espectáculo – onde o conhecimento e a forma como o apreendemos é questionada, e uma nova forma de comunicação com o público avançada. Refiro-me, especificamente, ao conjunto de palestras performativas nas quais assenta a estrutura do *Museu Vivo* (um prólogo e sete palestras), o formato investigado e adoptado por Joana Craveiro enquanto metodologia de transmissão de narrativas e discursos históricos, e que encontra na recepção deste espectáculo (assim me diz a minha experiência e intuição enquanto espectador) a resposta cabal da sua eficácia. Chega a dar vontade de visitar Max Scheler, e confirmar o seu preceito de que a passagem de um conhecimento menor para outro maior é algo que só pode ser feito através de um movimento determinado pelo amor – sendo o amor, neste caso, o sentimento gerado pela paixão que o *Museu Vivo* exerce sobre a vontade de conhecer. Mais especificamente, de conhecer a nossa herança histórica e a forma como esse legado nos pode transformar o presente e o nosso olhar sobre o futuro.

Com este espectáculo, Joana Craveiro parece ter feito emergir uma nova linguagem estética, que tem inclusivamente contaminado outras produções do Teatro do Vestido – como é exemplo evidente a série *Labor#* –, antecipando novos desenvolvimentos em torno da articulação entre investigação e produção artística. Em prol das várias forças do conhecimento em que se pode desdobrar o teatro.

O tom coloquial, quase sempre na primeira pessoa, a familiaridade com o público, com os objectos e histórias evocadas – quase sempre a do homem/mulher comum – são tudo factores que contribuem para a criação de uma relação de empatia com o público; relação essa que, no meu caso, é em grande parte exacerbada pelos sinais de inquietação geracional que Joana Craveiro exhibe. Ambos nascidos nos tempos vizinhos do 25 de Abril de 1974, herdámos a pesada sucessão de uma geração mais velha que viveu tanto o período fascista como o pós-revolucionário e que está cheia de histórias de sofrimento, luta e esperança para contar, cientes de um dever cumprido que (justamente) sempre fizeram questão de ostentar com orgulho. Nesse contexto histórico, foi sempre na relação e no confronto com esta herança (por vezes condescendente) que nos esforçámos por definir enquanto cidadãos, num clima entretanto guiado por novas propostas sociopolíticas, e mais tarde assombrado pela crise ideológica que acompanhou (e acompanha) a filosofia utilitarista do nosso tempo. Órfãos de uma revolução da qual nunca participámos, mas sempre estivemos perto, a nossa geração (a tal que era «rasca»), parece, por fim, conseguir juntar o fio à meada de um passado a que queremos definitivamente pertencer, e não deixar fugir por entre as mãos evasivas dos poderes instalados.

Cerca de quarenta anos de distância parece, de facto, ser um tempo justo, e a jornada de Joana Craveiro um sinal inequívoco de que temos uma visão mais amadurecida sobre nós próprios e sobre os perigos de esquecimento e branqueamento histórico que se levantam. Se há espectáculos que afluem para um grito de voz colectiva, *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas* é claramente um deles.

Não se pode dizer que este solo de Joana Craveiro, qual dança comprometida com o mundo, tenha surgido exclusivamente do seu trabalho no Teatro do Vestido. Apesar de ter sido construído sobre os mesmos pressupostos estéticos que o grupo tem vindo a desenvolver colectivamente, *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas* é, acima de tudo, o resultado de uma importante viagem de perscrutação pessoal e investigação criativa. Mas, talvez mais importante do que destacar o mérito individual de Joana Craveiro, é reconhecer o que este processo traz ao trabalho do Vestido (entretanto já visível noutras criações recentes), ampliando o (já de si significativo) impacto artístico do grupo no panorama de criação contemporânea, e a partir do qual o seu papel de intervenção política não pode passar despercebido.